

As Hospedarias de Imigrantes das Américas*

*Luís Reznik***

Durante o século XIX, especialmente na segunda metade, iniciou-se o maior fluxo migratório intercontinental da História. Entre 1880 e 1915, cerca de 31 milhões de europeus partiram para o Novo Mundo na tentativa de ‘fazer a América’.¹ Fome, miséria, empobrecimento, perda de condições de sobrevivência, fuga de serviço militar, entre outros, foram motivações para fazer essa grande travessia geográfica e cultural. Variadas estratégias foram mobilizadas pelas famílias. No mais das vezes, vinha primeiro apenas um familiar, para que, bem sucedido, pudesse chamar e/ou buscar os membros restantes.

As massas populacionais migrantes tornaram o mundo mais globalizado e mais conectado. Os e/imigrantes são, por definição, atores sociais globais,

* Texto elaborado para apresentação no Simpósio “Puentes entre Europa y América Latina: historia, memoria y representaciones en el diálogo entre el individuo y el colectivo”, dentro do XVIII Congresso Internacional da Associação de Historiadores Latinoamericanistas (AHILA 2017). As reflexões aqui apresentadas foram desenvolvidas e muito se beneficiaram da interlocução com o grupo de pesquisa do Centro de Memória da Imigração da Ilha das Flores. Especial agradecimento aos pesquisadores Julianna Carolina Oliveira Costa, Guilherme dos Santos Cavotti Marques e Rui Aniceto Nascimento Fernandes. Os projetos do Centro de Memória são apoiados pela FAPERJ e pelo CNPq, em forma de auxílios e bolsas.

** Professor do Departamento de Ciências Humanas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutor em Ciência Política, Mestre em História. Coordenador do Centro de Memória da Imigração da Ilha das Flores. Pesquisador Produtividade CNPq e Cientista do Nosso Estado FAPERJ.

pois passam a pertencer a vários mundos e territórios, carregam histórias e tradições, propiciam encontros e novas sínteses culturais.

Nas Américas, os principais países receptores, no final do século XIX, foram os Estados Unidos, Argentina e Brasil. Todos eles estavam de portas abertas para a recepção, ainda que seletiva, dessa população compreendida, no mais vezes, como força de trabalho para as economias em expansão e/ou contingente humano para ocupação de vastos territórios, pouco explorados. O impacto desse fluxo extraordinário estimulou debates públicos que tematizavam a própria formação da nação e do povo, assim como o papel do Estado no controle e estímulo ao movimento migratório.

Nesse sentido, governos se mobilizaram na criação de instrumentos legais, códigos próprios e agências estatais, isto é, de um conjunto de políticas públicas para lidar com esse fenômeno global que teria fortes repercussões em cada um dos países.

O nosso interesse específico volta-se para os dispositivos criados visando à recepção, ao acolhimento e à triagem da leva populacional massiva que se deslocou em fins do século XIX e início do século XX para os países americanos. Os dilemas para a recepção aos imigrantes foi uma experiência comum aos países americanos que criaram instituições similares. Não por acaso as maiores e mais conhecidas hospedarias de migrantes foram criadas nos principais países de recepção: Ellis Island, em 1892 (Nova Iorque), nos Estados Unidos; Hotel de La Rotonda, em 1882, e Gran Hotel de Inmigrantes, em 1911 (Buenos Aires), na Argentina; Hospedaria do Brás, em 1887 (São Paulo), e Hospedaria da Ilha das Flores, em 1883 (Rio de Janeiro), no Brasil; Pier 2, em 1880, e posteriormente, Pier 21, em 1928 (Halifax), no Canadá.²

O objetivo desse texto é pensar alguns temas comuns às políticas imigratórias e à constituição das hospedarias em todos esses países e, com isso, traçar paralelismos, semelhanças e diferenças. Nesse sentido, elencar essas características, conectadas temporalmente, serve para refletir, a partir das similaridades, os efeitos de um processo global. Mas também para pensar, a partir de respostas específicas e únicas, características singulares de cada um dos países receptores envolvidos.³

Hospedarias de imigrantes: dispositivos de recepção

As hospedarias constituíram apenas um dos fios da grande teia que enredava os movimentos migratórios e os vários procedimentos e serviços criados para levar milhões de europeus da origem ao destino americano. Havia uma extensa cadeia de elos que se iniciava na saída dos europeus de suas aldeias e cidades natais – muitas vezes, aliciados por agentes locais e internacionais e estimulados pela propaganda do Novo Mundo, ou convocados por parentes e conterrâneos, a partir de ‘cartas de chamada’ – até a chegada a um local de trabalho nas Américas, passando pelos trâmites oficiais da emigração nos portos e pelos dissabores do transporte nos vapores transatlânticos.⁴

Aqui chegando, era preciso registrar, acomodar provisoriamente, identificar ‘aptidões’ e alocar em locais de trabalho. Durante o século XIX, locais de recepção foram instituídos, por agenciamento privado ou público, para ‘agasalhar’⁵ os imigrantes. Foram criadas inúmeras pequenas hospedarias, geralmente em áreas litorâneas, que enfrentaram os dilemas para estabelecer um conjunto de procedimentos para abrigar os recém-chegados: os cuidados higiênicos, a constituição de um corpo de funcionários e de serviços especializados, a identificação de um local pertinente a estas funções, a atenção

Pontes entre Europa e América Latina. Histórias de migrações e de mobilidades/ *Puentes entre Europa y América Latina (XIX-XXI)*. Historias de migraciones y de moviidades

com as bagagens, a administração de transportes para o destino, entre outras demandas que afloraram no curso desse processo. As grandes hospedarias criadas no final do século XIX e início do século XX, anteriormente mencionadas, representaram o amadurecimento desse processo, em um momento em que se intensificou, de modo inédito, o volume de imigrantes que chegam às Américas.

De forma similar ao que ocorreu no Brasil, os países que receberam grandes levas de europeus a partir de meados do século XIX, organizaram os seus dispositivos de recepção. Foram estabelecidas grandes hospedarias, todas no litoral em locais estratégicos para a chegada dos vapores europeus, por onde ingressou a maior parte dos imigrantes.

Constituição de políticas centralizadas

Um primeiro aspecto comum às políticas imigratórias foi a constituição de políticas nacionais centralizadas na segunda metade do século XIX. Nos EUA, por exemplo, desde a independência dos EUA até 1882, a política imigratória era responsabilidade dos Estados federados.⁶ A partir desse ano, passou a ser atribuição da União e a entrada prioritária passou a ser por Nova York.⁷ A centralização dos serviços está diretamente relacionada ao aumento do fluxo. Como sabemos, os Estados Unidos foram o principal destino das populações europeias migrantes durante os séculos XIX e XX. O crescimento demográfico do país foi absolutamente atípico para quaisquer épocas ou lugares: de 5 milhões de habitantes, em 1800, a população chega a cem milhões em 1914 e calcula-se em cerca de 40 milhões a população imigrante nesse período. Entre os anos de 1855 e 1860, a média anual de imigrantes que entraram nos Estados Unidos foi de 350 mil. Na década de 1880, o número de

Pontes entre Europa e América Latina. Histórias de migrações e de mobilidades/ *Puentes entre Europa y América Latina (XIX-XXI)*. Historias de migraciones y de movildades

ingressos anuais oscilou entre 700 e 800 mil.⁸

A política imigratória, na Argentina, era da responsabilidade do governo federal desde a promulgação da Constituição de 1853. Nas décadas de 1860 e 1870, houve forte estímulo para povoamento e colonização do país, culminando na Lei de Imigração e Colonização de 1876, que criou o Departamento Nacional de Imigração. Tal agência tinha como objetivos controlar as condições sanitárias e o transporte dos imigrantes, oferecer alojamento aos recém-chegados e facilitar-lhes a instalação no país. A mesma lei criou ainda as normas para o exercício da função de ‘agentes da imigração’ cujo principal objetivo era fazer propaganda do país no exterior.⁹

A baixa densidade populacional do território que pertencia à República Argentina foi uma preocupação chave dos diversos governos que se sucederam ao longo do século XIX e inícios do XX. A escassez da mão de obra foi enfrentada com a atração da imigração europeia. Esta devia cumprir a dupla função de prover os braços para o trabalho e melhorar a ‘raça argentina’, graças à chegada de pessoas do norte da Europa.

No Brasil, também em 1876, o Ministério da Agricultura promoveu a reestruturação dos departamentos dedicados à imigração, colonização e gestão das terras públicas, com a criação da Inspetoria Geral de Terras e Colonização. Cabia-lhe “desde o transporte marítimo e por terra até a alimentação, socorros médicos, e o mais que se fazia mister ao recebimento e agasalho de milhares de imigrantes, tudo foi prevenido com boa ordem, economia e a contento dos internados”.¹⁰

No caso do Canadá, uma das principais promessas na formação do estado nacional havia sido a construção de um sistema ferroviário transcontinental. Essa ferrovia seria um meio de comunicação e transporte que

Pontes entre Europa e América Latina. Histórias de migrações e de mobilidades/ *Puentes entre Europa y América Latina (XIX-XXI)*. Historias de migraciones y de movilidades

ligaria o Oriente e o Ocidente, promovendo a colonização e o comércio e foi concluída em 1885. Nesta década e na seguinte, políticas de imigração relativamente abertas levaram aos anos mais ativos na história da imigração canadense.

Nesse sentido não é mera coincidência que Argentina e Brasil criaram agências centrais no ano de 1876, para dar conta do processo imigratório: o Departamento Nacional de Imigração e a Inspetoria Geral de Terra e Colonização, respectivamente. A centralização das medidas de recepção dos imigrantes ocorre, um pouco depois, nos EUA e no Canadá.

Constituição das grandes hospedarias e sua localização

Desde meados do século XIX, pelo menos, já existiam hospedarias e dispositivos de recepção.

Nos EUA, *Ellis Island* foi precedida por *Castle Garden* (1855-1890), administrada pelo estado de New York, que recebeu cerca de 8 milhões de imigrantes.¹¹ O encerramento das atividades de *Castle Garden* e a transferência dos serviços de registro, controle médico-sanitário e triagem dos imigrantes para *Ellis Island* foi, sobretudo, resultado da centralização dos serviços imigratórios.

Na Argentina pequenas hospedarias foram constituídas. Boa parte delas era de gestão privada. Com o aumento do fluxo de imigrantes, especialmente após o subsídio às passagens para a vinda dos europeus, o governo argentino passou a arrendar imóveis para abrigar os recém-chegados.

No Brasil, também se formaram locais particulares de recepção, a partir de meados do século. No Rio de Janeiro, o Ministério da Agricultura arrendou,

em 1867, prédios particulares e instalou a Hospedaria de Imigrantes do Morro da Saúde, com capacidade para 400 pessoas. Com sua criação a administração imperial substituiu as hospedarias privadas da Praia Formosa e a da Rua da Imperatriz, de menor capacidade. O Morro da Saúde funcionou, de forma intermitente, até 1881.¹²

Em São Paulo, o governo provincial instalou sua primeira hospedaria oficial, em 1878, no bairro de Santana. Desativada dois anos depois, foi substituída pela Hospedaria do Bom Retiro que abriu as portas em 1882, com capacidade para 500 pessoas. Pequena para o fluxo que se intensificava, esta hospedaria levou seu tiro de misericórdia em 1887 quando ali surgiu um surto de varíola e difteria.¹³

As grandes e reconhecidas hospedarias oficiais de imigrantes foram criadas no final do século XIX.

A mais importante e mais conhecida internacionalmente porta de entrada das Américas foi *Ellis Island*, localizada em Nova York. A hospedaria funcionou entre 1892 e 1954. Estima-se que 40% dos cidadãos norte-americanos atuais tem antecedentes que passaram por essa instituição.

Na Argentina, questões sanitárias tiveram enorme peso na urgência pela construção de um estabelecimento para os imigrantes. Era importante se precaver em relação aos surtos epidêmicos de febre amarela e cólera que a cidade de Buenos Aires sofria então, nas décadas de 1870 e 1880.¹⁴ Os imigrantes recém-chegados deviam ficar afastados das condições insalubres da cidade. Assim, uma década depois da criação do Departamento Nacional de Imigração, e após diversos insucessos ocorridos nos asilos para imigrantes na cidade de Buenos Aires, foi criada a primeira hospedaria oficial, o *Hotel de Inmigrantes de La Rotonda* (1888-1911).

Os serviços se estendiam por duas edificações: um prédio poligonal, onde ficavam os dormitórios e um prédio retangular, que abrigava cozinha, refeitório, banheiros e a administração. Tinha capacidade para abrigar 2500 pessoas. Ali foi o primeiro abrigo de cerca de 1.400.000 imigrantes, o que equivalia a 50% do total dos que ingressaram na Argentina nesse período. Com a criação do Ministério da Agricultura (1898) e, acompanhando a bem-sucedida política de portas abertas para atração de mão de obra europeia, decidiu-se construir uma grande hospedaria, localizado entre Retiro e Puerto Madero. A construção começou em 1905 e, seis anos depois, é inaugurado o novo *Hotel de Inmigrantes*.

No Rio de Janeiro, uma das principais preocupações da Inspetoria Geral de Terras e Colonização, imediatamente após sua criação, em 1876, era a proteção dos imigrantes em relação às doenças que assolavam a Corte Imperial. Na cidade do Rio de Janeiro, ao longo do século XIX, especialmente na sua segunda metade, irromperam muitas epidemias, flagelos crônicos, tais como febre amarela, cólera, varíola e malária.¹⁵ O quadro epidêmico promoveu campanhas anti-emigratórias para o Brasil, na Europa. Assim, para alterar a imagem que se fazia do Brasil na Europa, a solução encontrada foi proteger os recém-chegados isolando-os em sanatórios, estabelecimentos bem reputados por sua salubridade. A preocupação das autoridades era não deixar que a força de trabalho europeia, sadia e vigorosa fosse penalizada e enfraquecida pela situação insalubre da cidade.

Com essa perspectiva o governo, através do Ministério da Agricultura, comprou a ilha das Flores. A escolha deste local se deveu a dois critérios: o da salubridade e o da proximidade. Sendo uma ilha não tinha contato permanente com os centros administrativos do Império – a cidade do Rio de Janeiro – e da

Pontes entre Europa e América Latina. Histórias de migrações e de mobilidades/ *Puentes entre Europa y América Latina (XIX-XXI)*. Historias de migraciones y de movildades

província fluminense – a cidade de Niterói – e com suas constantes epidemias.¹⁶ A questão sanitária era uma constante nos relatórios. A preocupação era demonstrar que a hospedaria era um sanatório plenamente capaz de atender às demandas do abrigo dos imigrantes antes de sua transferência para os destinos finais. A ilha das Flores, por sua vez, era próxima à Corte. Situava-se na Baía de Guanabara, em território niteroiense, e poderia ser facilmente acessada por navios de pequeno porte a partir do porto do Rio de Janeiro.

No caso de São Paulo, o término da construção da São Paulo Railway em 1867, facilitou a transposição da Serra do Mar rumo ao planalto. Era evidente que o alojamento dos imigrantes teria que ser feito no planalto, região onde partiam os caminhos rumo ao interior do Estado e futuramente as estradas de ferro. Uma das estações que chegava no Município parava dentro da Hospedaria do Brás.

Os grandes estabelecimentos se posicionaram no ‘litoral’ (à exceção de São Paulo, cuja ferrovia Santos-Planalto tinha uma estação dentro da Hospedaria), local de chegada dos imigrantes europeus, pelo Atlântico e, no caso explícito da Argentina e do Brasil, as questões sanitárias tiveram papel central no sentido de afastar os imigrantes em relação às ‘epidemias urbanas’. Podemos considerar o fenômeno como uma “quarentena ao inverso”. Os imigrantes, diferentemente do que parte da bibliografia costuma afirmar, não ficavam isolados nas hospedarias como forma de evitar que contagiassem com doenças do além-mar, ou da viagem atlântica, os nativos. Justamente, era o contrário que prevalecia. O investimento realizado para atrair e trazer os imigrantes não poderia ser desperdiçado com o alastramento das epidemias das cidades do Rio, São Paulo e Buenos Aires.

À diferença dos EUA, Brasil e Argentina subsidiavam o transporte para concorrer pelos imigrantes, a partir da década de 1880. O ano de 1886 coincide com a intensificação das ações visando o financiamento de passagens para imigrantes europeus tanto na Argentina quanto no Brasil. Os EUA eram o destino desejado por grande parte dos europeus. Ajudá-los a atravessar o Atlântico e se instalar na América era uma forma de competir por essas levas populacionais.

As hospedarias de imigrantes no Brasil e na Argentina foram locais não apenas de registro, como Ellis Island, nos EUA, mas também para descanso e triagem, incluindo possível agenciamento para locais de trabalho. Na maior parte dos casos, os imigrantes e suas famílias permaneciam por alguns dias, gratuitamente, na Ilha das Flores, no Brás, em La Rotonda e no Gran Hotel. É correto afirmar que esses estabelecimentos se constituíram como uma faceta e parte dos subsídios estatais e atrativos que os dois países apresentaram aos europeus.

Serviços das hospedarias

Ellis Island era um complexo onde funcionava, entre outros, um setor de desinfecção de pessoas e roupas, sala de registro, dormitórios masculinos e femininos, restaurante, hospital, depósito de bagagens, escritório de telégrafo e caminho para a ferrovia. A inspeção médica foi se tornando mais rigorosa na passagem para o século XX. O processo se iniciava no porto de Nova York, onde oficiais da saúde pública examinavam toda a tripulação e todos os passageiros dos navios à procura de doenças infecciosas ou contagiosas. Os indivíduos que apresentassem sintomas de doenças como cólera, febre amarela

e peste ficavam detidos na estação de quarentena, recebendo o tratamento adequado até se recuperar da doença. Os imigrantes supostamente sadios eram encaminhados para o prédio principal da Ilha de Ellis, onde os médicos do *U.S. Public Health Service*, realizavam uma inspeção mais minuciosa. Os inspetores se concentraram em diagnosticar doenças incapacitantes, como distúrbios mentais, deficiências físicas e problemas cardiovasculares. Os imigrantes portadores desses males eram marcados com a sigla LPC (*likely public charge*), isto é, provável encargo público que geraria divisas para o estado, e eram deportados. Os imigrantes passavam ainda por uma inspeção jurídica, conduzida pelo *Bureau of Immigration*, em que inspetores judiciais realizavam o registro do imigrante, sucedido por um breve interrogatório e pelo exame da documentação.

Diana Pardue utilizou uma metáfora para *Ellis Island*, ao descrever essa situação:

Enquanto um ‘Portal de Esperança e Liberdade’ para muitos imigrantes, também era uma “Ilha das Lágrimas” para os dois por cento que foram afastados quando não cumpriram os requisitos das várias leis e regulamentos de imigração dos Estados Unidos.¹⁷

A grande maioria, cerca de 80%, permanecia cerca de 5 horas na Ilha; poucos ficavam por dias. *Ellis Island* não foi exatamente uma hospedaria, mas um lugar de registro e controle da entrada de imigrantes. Entre 1900 e 1914, cerca de cinco a dez mil pessoas passavam diariamente por ali; em 1907, ano de pico, entraram 1.250.000 de pessoas; entre 1892 e 1924, passaram cerca de doze milhões pela Ilha. Os números correspondem à massiva leva migratória que se encaminhou para os Estados Unidos.

O complexo do *Gran Hotel de Inmigrantes* possuía um desembarcador próprio que permitia um completo isolamento da cidade de Buenos Aires. De forma similar aos que ocorria nos EUA, os serviços de controle se iniciavam no

Pontes entre Europa e América Latina. Histórias de migrações e de mobilidades/ *Puentes entre Europa y América Latina (XIX-XXI)*. Historias de migraciones y de movilidades

barco, antes do desembarque. Uma junta verificava a documentação dos passageiros e as condições de saúde. A legislação argentina proibia o ingresso de pessoas com doenças contagiosas, inválidas, dementes ou sexagenárias.

O pavilhão dos dormitórios era um edifício imponente, composto por quatro andares. O primeiro andar era ocupado por uma cozinha e um refeitório, preparado para atender mil indivíduos de uma só vez. Os três pavimentos superiores eram destinados ao alojamento de três mil imigrantes. Havia, ainda, depósitos de bagagens, escritórios para registro e controle, agência de correios e telégrafos, além de oficinas de colocação. Era comum, após o jantar e ainda no refeitório, a realização de projeções e conferências sobre legislação, história e geografia argentina, e se ensinava a utilizar a maquinaria agrícola. Segundo Huernos, a despeito da legislação contemplar um período máximo de cinco dias na hospedaria, “a estadia podia estender-se, sobretudo para aqueles que não eram italianos ou espanhóis e que podiam ter problemas para se comunicar em espanhol. Dessa forma poderiam permanecer mais tempo, até que conseguissem trabalho”.¹⁸

Por fim, o Estado fornecia passagem de trem a todos que seguissem para o interior do país.

A Hospedaria do Brás, em São Paulo, foi construída para abrigar cerca de três mil pessoas por vez, e encarregava-se de receber e direcionar os trabalhadores estrangeiros para todo o estado de São Paulo. O estabelecimento de uma hospedaria de imigrantes na região do Brás foi uma escolha estratégica, pois ali ocorria o entroncamento das linhas férreas da antiga Central do Brasil e da São Paulo Railway, vindas do Rio de Janeiro e do Porto de Santos, respectivamente. Além de possibilitar fácil acesso aos imigrantes que desembarcavam no Porto do Rio de Janeiro e no Porto de Santos, as estradas

de ferros localizadas próximas a Hospedaria do Brás garantiam o transporte dos recém-chegados para as grandes fazendas de café do interior paulista.

A edificação tinha dois andares: no andar térreo, ficavam os escritórios, a casa de câmbio, a sala médica, as cozinhas, os refeitórios e as salas de armazenagem. No andar superior, localizavam-se os dormitórios, que muitas vezes tinham apenas esteiras para as pessoas dormirem.

Recepção, triagem e encaminhamento era o tripé que determinava a estadia do imigrante na hospedaria. Os serviços de alimentação e alojamento eram intercalados com os de controle médico sanitário, registro e direcionamento ao trabalho. Os serviços de higiene incluíam banho, desinfecção e troca de roupas e inspeção médica. Ao chegar à hospedaria todos os imigrantes passavam pela Seção de Banhos, na qual deveriam realizar uma rigorosa higiene pessoal. Depois de serem asseados, os imigrantes retiravam-se por um corredor que não permitia o contato com os que ainda não tivessem passado pelo banho e pela desinfecção de roupas. No Salão de Chamadas eram realizados o registro e a verificação da documentação dos imigrantes, definindo se estavam ou não em condições de serem aceitos. Após serem higienizados, registrados e alimentados, os imigrantes passavam por uma inspeção médica. O hospital e a enfermaria da hospedaria atendiam apenas os casos de urgência. Os imigrantes acometidos por doenças mais graves eram encaminhados para a Santa Casa de Misericórdia ou para o Hospital de Isolamento.

A Agência Oficial de Colocação intermediava a contratação dos imigrantes pelos fazendeiros, além de auxiliar os acordos de distribuição, compra e venda de lotes de terra em núcleos coloniais. Após firmar o contrato, os imigrantes recebiam uma caderneta autenticada, constando os termos do acordo de trabalho ou de concessão de terras. O Regulamento Interno da

Hospedaria assegurava a todos os imigrantes o direito de permanecer na instituição pelo período máximo de seis dias. No entanto, caso os imigrantes recusassem a colocação oferecida pelos agentes oficiais perderiam esse direito. Ao fim da hospedagem, o governo paulista concedia passagens gratuitas aos imigrantes que se dirigissem para o interior da província.

As grandes hospedarias, aí incluída a Hospedaria da Ilha das Flores, tiveram serviços e procedimentos similares. Recepção, triagem e encaminhamento era o tripé que determinava a estadia do imigrante na hospedaria. As autoridades dos três países preocuparam-se fortemente com as questões sanitárias na chegada dos imigrantes. No início do século XX, foram formalizados acordos internacionais para controle na saída da Europa e na chegada às Américas. Passando por essa primeira ‘barreira’, os imigrantes na Argentina e no Brasil eram acolhidos em hospedarias, com alojamento e refeições por alguns dias. Por isso mesmo, essas instituições abrigaram inúmeros funcionários, dentre eles, diversos intérpretes.

Outros usos

As grandes hospedarias foram construções portentosas para acolher alguns milhares de imigrantes ao mesmo tempo. Ainda que de maneira eventual, em todas elas, houve ocorrências de superlotação, chegando a alojar precariamente mais de quatro mil pessoas em alguns dias. O inverso também foi verdadeiro. Os alojamentos e seus beliches vivenciaram diversos momentos de ociosidade.

No Brasil, tanto o Brás como a Ilha das Flores acolheram migrantes, em sua maioria, da parte norte (hoje em dia, regiões norte e nordeste) do país. Segundo Odair Paiva, dos três milhões e meio que a Hospedaria do Brás

Pontes entre Europa e América Latina. Histórias de migrações e de mobilidades/ *Puentes entre Europa y América Latina (XIX-XXI)*. Historias de migraciones y de movilidades

recebeu entre 1888 e 1978, 1,9 milhão era de estrangeiros e 1,6 milhão era de trabalhadores nacionais, cerca de 45% do total.¹⁹ Na Ilha das Flores, entre 1882 e 1966, foram acolhidos cerca de vinte mil migrantes, das setecentas mil pessoas que por lá se alojaram; isto é, cerca de três por cento. Diferença que se faz notar entre os dois estados, Rio de Janeiro e São Paulo, já que no último, a forte presença imigrante na formação da mão de obra assalariada rural e urbana foi sendo substituída pelos migrantes nacionais ao longo do século XX. Ao fim e ao cabo, essas hospedarias cumpriam os seus papéis originais ao acolherem migrantes nacionais com fins de deslocamento para regiões de trabalho.

Outra utilização, que foi comum às várias hospedarias, se deu como espaço prisional.

Com a entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial, em 1917, *Ellis Island* se transformou em centro de detenção para os inimigos estrangeiros. O mesmo ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial. O confinamento na Ilha também atingiu, logo após o fim da Primeira Guerra com o chamado ‘perigo vermelho’, vários suspeitos ‘radicais’.

Na Ilha das Flores, tropas da marinha mercante alemã ficaram aprisionadas após o Brasil ter entrado na Guerra, em 1917. A Marinha do Brasil assumiu o controle da Ilha durante dois anos e cessou a recepção de imigrantes. Diferentemente, durante a Segunda Guerra Mundial, uma parte da hospedaria se transformou em presídio para os inimigos do Brasil e os chamados quintacolonistas. Tanto na Ilha das Flores como no Brás, os presos políticos nos episódios da Revolta Constitucionalista de 1932 como da Revolta Comunista de 1935, foram ali encarcerados. Da mesma forma, na ocasião do Golpe civil-militar, em abril de 1964. Em todas essas ocasiões, no caso da Ilha

das Flores, a hospedaria continuou a receber imigrantes, ainda que em menor número.

Declínio das hospedarias

Oficialmente, *Ellis Island* fechou as suas portas em 1954, a Hospedaria do Brás em 1978, a Ilha das Flores em 1966, e o Gran Hotel de Inmigrantes em 1953. Entretanto, em termos gerais, o declínio da entrada de imigrantes nas hospedarias brasileiras e argentinas (e também na ‘Estação’ de Ellis Island), ocorreu no período do Entre guerras.

Vários fatores estão a isso relacionados, sendo primordial, dentre eles, o próprio declínio da emigração massiva europeia. Em paralelo, nos países de recepção, foram criadas políticas variadas de restrição ao ingresso de imigrantes – por exemplo, a Lei de Cotas de 1924, nos EUA, a Lei de Imigração, no Brasil, em 1924, e a Lei de Cotas de 1934, no Brasil.

Vale registrar que as hospedarias receberam um novo fôlego no imediato pós Segunda Guerra Mundial, por conta da leva dos *displaced persons* que foram trazidos pela Organização Internacional de Refugiados (OIR).

Importante, porém, assinalar outro fator, no que diz respeito especialmente às hospedarias brasileiras e argentinas. Na medida em que se constituíram redes familiares e comunitárias de recepção, as hospedarias foram perdendo o seu sentido primordial. O imigrante encontrou abrigo e segurança nas inúmeras redes de sociabilidade que se constituíram nas Américas, desde membros da família que chegaram anteriormente até clubes e associações agregadoras de pessoas das aldeias e cidades natais e das respectivas regiões.

No caso da Ilha das Flores, as estatísticas da primeira década (1883-1893) apresentam nitidamente essa evidência. Um percentual pequeno de portugueses

foi registrado na Hospedaria em comparação com o número registrado no Porto do Rio. Por outro lado, quase cem por cento de alemães que ingressaram no país foram registrados como tendo ficado alguns dias na Ilha antes de seguir viagem. É certo que, à medida que os parentes e amigos aguardavam nos portos, escasseou o ingresso nas hospedarias.

Considerações finais

A recepção aos imigrantes, em fins do século XIX, foi uma experiência comum em toda a América. A hospedaria de imigração foi um dos elos da extensa e complexa cadeia migratória constituída desde a aldeia da terra natal até a chegada ao destino final. Os principais países de imigração, como Estados Unidos, Argentina e Brasil, criaram dispositivos similares nos principais portos de chegada. Nestes termos foi uma experiência universal. Em todas essas instituições houve preocupação com registro pessoal, serviços médicos, alojamento, controle de bagagens, além da existência de meios de transporte contíguos, serviços paradigmáticos presentes em todas elas. Certamente, cada uma das instituições apresentou soluções particulares para cada uma das preocupações listadas acima.

Sabemos pouco ainda sobre as conexões administrativas, políticas e intelectuais entre dirigentes políticos e autoridades administrativas dos diferentes países receptores que possam evidenciar a circulação de propostas e realizações para a constituição destes dispositivos. Essa é uma história a ser pesquisada.

-
- ¹ Entre 1880 e 1915, os Estados Unidos registraram a entrada de mais 21 milhões de imigrantes. Argentina e Brasil receberam 4,2 e 2,9 milhões de imigrantes, respectivamente. Cf. KLEIN, in FAUSTO (2000), p. 25.
- ² Não é irrelevante o fato de que esses espaços e experiências foram musealizados: *Ellis Island National Museum of Immigration*, administrado pelo *National Park Service*, do governo norteamericano; *Museo de la Inmigración*, dirigido pela *Universidad Nacional de 3 de Febrero*, em Buenos Aires; Museu da Imigração do estado de São Paulo, vinculado à Secretaria de Estado de Cultura de São Paulo e administrado pelo Instituto de Preservação e Difusão da História do Café e da Imigração; Museu da Imigração da Ilha das Flores, uma parceria entre a Marinha do Brasil e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro; *Canadian Museum of Immigration at Pier 21*, em Halifax, Canadá.
- ³ Esse texto se beneficiou, parcialmente, do dossiê “Hospedarias de imigrantes das Américas”, organizado por Luís Reznik para *Navegar, Revista de Estudos de E/Imigração* (Cf. *Navegar*, 2 (3), Jul.-Dez. 2016, [http://www.labimi.uerj.br/navegar/edicoes/03/Navegar_3_completa.pdf]).
- ⁴ A trajetória dos e/imigrantes foram as mais variadas. Por exemplo, muitos chegaram ao Brasil e se estabeleceram na Argentina, passando pelo Uruguai; outros foram contratados já na Europa para trabalhar em fazendas no Brasil. A literatura sobre imigração remete aos mais diversos e inusitados caminhos trilhados pelos emigrantes europeus. Para uma boa descrição da extensa cadeia de agentes da emigração, companhias de navegação, serviços consulares e tantos intermediários que compuseram a extensa cadeia migratória. Ver GONÇALVES (2012).
- ⁵ Termos como agasalhar, abrigar, acolher, depositar, eram comuns na documentação brasileira do século XIX.
- ⁶ Ainda assim, a União, logo após a independência, promoveu políticas de estímulo à imigração promulgando, por exemplo, o Ato de Naturalização, em 1790, que possibilitou a naturalização às pessoas brancas e livres que provassem ser de ‘bom caráter’ e que realizassem o juramento à Constituição.
- ⁷ A primeira ação legislativa centralizadora, o Ato de Imigração de 1882 (*Immigration Act*), impôs algumas restrições à entrada no país de pessoas debilitadas. Ela havia sido precedida pela restrição ao ingresso de trabalhadores chineses, por dez anos (*Chinese Exclusion Act of 1882*). Ver MORENO (2004).
- ⁸ HOBSBAWN (1996).
- ⁹ DEVOTO (2009). Ver, também, LOPES (2012).
- ¹⁰ BR. *Relatório apresentado á Assembléia Geral Legislativa na primeira sessão da décima sexta legislatura pelo Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas* Thomaz Jozé Coelho de Almeida. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1877.
- ¹¹ É digno de nota duas referências a *Castle Garden* na documentação sobre Hospedarias no Rio de Janeiro, especialmente na comparação com a Hospedaria do Morro da

- Saúde, criada em 1867. Tavares Bastos, importante jornalista brasileiro, escreve nesse mesmo ano: “Tendo-se criado aqui uma agência oficial de colonização, é agora essencial criar hospícios de emigrantes modelados pelo *Castle Garden* de *New York* ou *Bremen-hofen*. Quanto ao porto do Rio de Janeiro, parece que satisfará o edifício da Saúde ultimamente arrendado pelo governo, se o dotarem de arranjos indispensáveis”. Apud SEGAWA (1989). *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 30, jun. 1989, p. 26. A outra referência é do *Anglo-Brazilian Times*, de 23 abr.1867, republicado pelo Diário Oficial do Império, com o título “O *Castle Garden* do Rio”: “O Ministério da Agricultura tem hoje pronto para a recepção de imigrantes um belo estabelecimento que corresponde em sua destinação à casa de recepção de *Castle Garden* em Nova York, mas, que lhe é muito superior no seu estilo geral e nas comodidades preparadas para os imigrantes”. Apud OLIVEIRA (2008), p. 2.
- ¹² REZNIK; FERNANDES (2014). *História* (São Paulo. Online), v. 33, pp. 234-253.
- ¹³ Sobre estas e outras pequenas hospedarias instaladas na Província de São Paulo, ver UDAETA (2013).
- ¹⁴ HUERNOS (2016). *Navegar*, 2 (3), Jul.- dez. 2016, pp. 37-58.
- ¹⁵ BENCHIMOL (2001). Ver, também, CHALLOUB (1996).
- ¹⁶ Niterói foi grassada pela febre amarela em 1849, 1851,1876, 1885, 1886, 1888, 1889; pela varíola em 1849, 1876, 1885, 1886, 1888, 1888,1893; e pelo cólera em 1853, 1867. Cf. WERHS (1984); SOARES (1994).
- ¹⁷ PARDUE (2016). *Navegar*, 2 (3), Jul.-Dez. 2016, p. 214.
- ¹⁸ HEURNOS (2016). *Idem*, p. 26..
- ¹⁹ PAIVA (2016). *Idem*, 54. Ver, também, PAIVA; MOURA (2008).

Referências bibliográficas

- BENCHIMOL, Jaime Larry (2001). *Febre amarela: a doença e a vacina, uma história inacabada*. 20. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Bio-Manguinhos.
- CHALLOUB, Sidney (1996). *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras.
- DEVOTO, Fernando (2009). *Historia de la inmigración en la Argentina*. Buenos Aires: Sudamericana.
- GONÇALVES, Paulo César (2012). *Mercadores de braços: riqueza e acumulação na organização da emigração europeia para o Novo Mundo*. São Paulo: Alameda.
- HOBSBAWN, Eric (1996). *A era do capital (1848-1875)*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- HUERNOS, Marcelo (2016). “Atracción, recepción y hospitalidade. Asilos y hoteles para inmigrantes en la Argentina (1812-1953)”. *Navegar*, 2 (3): 37-58, Jul.-Dez. 2016.
- KLEIN, Herbert (2000). Migração Internacional na história das Américas. In: Boris FAUSTO (Org.). *Fazer a América. A imigração em massa para a América Latina*. São Paulo: EDUSP.

-
- LOPES, Maíne (2012). “*Como un justo reconocimiento a los inmigrantes*”? A imigração na Argentina pelo Museo Nacional de la Inmigración de Buenos Aires. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. São Leopoldo: UNISINOS.
- MORENO, Barry (2004). *Encyclopedia of Ellis Island*. Greenwood Press.
- OLIVEIRA, Betty Antunes de (2008). *Alguns dados históricos da vinda de norte-americanos ao Brasil no século XIX*. Disponível em [http://www.pibrj.org.br/historia/arquivos/DadosImigracaoAmericana.pdf].
- PARDUE, Diana (2016). “Ellis Island and the Story of Immigration to the United States”. *Navegar*, 2 (3), Jul.-Dez. 2016.
- REZNIK, Luis; FERNANDES, Rui (2014). “Hospedarias de Imigrantes nas Américas: a criação da hospedaria da Ilha das Flores”. *História* (São Paulo. Online), v. 33, p. 234-253.
- SEGAWA, Hugo (1989). “Arquitetura de hospedarias de imigrantes”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 30, jun. 1989.
- SOARES, Emmanuel de Macedo (1994). *Figura e fatos da medicina em Niterói*. Rio de Janeiro: Imprinta.
- UDAETA, Rosa Guadalupe Soares (2013). *Nem Brás, nem Flores: hospedaria de imigrantes na cidade de São Paulo (1875-1886)*. Dissertação de Mestrado. FFLCH/USP.
- WERHS, Carlos (1984). *Niterói. Cidade Sorriso*. A história de um lugar. Rio de Janeiro: Soc. Gráfica Vida Doméstica.
- PAIVA, Odair da Cruz (2016). “Hospedaria de Imigrantes de São Paulo”. *Navegar*, 2 (3), Jul.-Dez. 2016.
- _____; MOURA, Soraya (2008). *Hospedaria de Imigrantes de São Paulo*. São Paulo: Paz e Terra.